

SUPERAR O FASCISMO EM ADORNO? O SEQUESTRO DA SUBJETIVIDADE PARA A COISIFICAÇÃO HUMANA

MAGALHÃES, Marcelo M. Magalhães
Universidade Estadual Paulista, *Campus Marília*

RESUMO

O presente trabalho examina a análise adorniana da personalidade fascista e os processos de sequestro da subjetividade que tornam possível a adesão ao fascismo. A pesquisa justifica-se pela atualidade da problemática fascista e pela necessidade de compreender os mecanismos psíquicos que alimentam a susceptibilidade aos apelos autoritários. O objetivo central consiste em examinar como a propaganda fascista mobiliza sistematicamente mecanismos inconscientes específicos para produzir a desejada adesão emocional ao autoritarismo, configurando um sequestro da subjetividade que, paradoxalmente, mantém latentes as possibilidades emancipatórias. A metodologia empregada consiste na análise crítica imanente da obra adorniana, articulando suas investigações sobre a personalidade autoritária com os conceitos psicanalíticos mobilizados para compreender a dinâmica fascista. Os resultados indicam que a consciência fascista caracteriza-se fundamentalmente pela vacuidade existencial e pela incapacidade de elaborar vivências mal resolvidas, manifestando-se através de mecanismos como o *Unheimlich*, o narcisismo das pequenas diferenças, o abjeto e o sentimento oceânico. A propaganda fascista mobiliza sistematicamente estes mecanismos inconscientes, operando o sequestro da subjetividade através da substituição da experiência autônoma por estereótipos que dispensam elaboração reflexiva. Conclui-se que a subjetividade sequestrada pelo fascismo mantém, contraditoriamente, a potencialidade de sua própria superação, embora esta só se realize mediante a transformação das condições objetivas e absolutas que produzem a reificação da consciência, tema que ultrapassa os limites desta investigação.

Palavras-chave: Fascismo; Subjetividade; Coisificação humana.

Introdução

A questão da possibilidade de superação do fascismo assume caráter peculiar no pensamento crítico adorniano. Para Adorno (2022, p. 32) “o nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz como fantasma daquilo que foi monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam” –, tal constatação, permanece, infelizmente, absolutamente atual. Esta inquietação traz consigo a urgência de compreender não apenas as manifestações históricas do fascismo, mas fundamentalmente os mecanismos psíquicos e sociais que tornam possível sua persistência e atuação hodiernos.

O presente trabalho tem por objetivo geral examinar a análise adorniana da personalidade fascista, considerando especificamente os processos através dos quais a propaganda autoritária executa o sequestro da subjetividade, convertendo-a em instrumento de sua dominação. Entende-se que a subjetividade fascista, ainda que sequestrada e coisificada, mantém latentes as possibilidades de sua própria emancipação.

Conforme observa Sinésio Bueno (2021, p. 13), a reflexão de Adorno sobre o fascismo se mostra indispensável porque permite identificar três elementos fundamentais. Em primeiro lugar, a notável plasticidade do fascismo ao escolher seus alvos, podendo recorrer a diferentes marcadores — religiosos, étnicos, sexuais, nacionalistas, entre outros — de acordo com os interesses imediatos da liderança e da

própria massa mobilizada. Em segundo, a combinação entre a adesão fanática aos estereótipos do preconceito e a paradoxal submissão voluntária ao ideário fascista, assumida como impostura necessária. Em terceiro, a mobilização afetiva e intensa que assegura a permanência da sujeição coletiva às palavras de ordem e às determinações do líder. A esses três aspectos, pode-se acrescentar ainda um quarto, implícito na abordagem adorniana: a marca de sua dialética negativa, que evidencia tanto contribuições quanto contradições no horizonte de possível superação da lógica e da atuação fascista.

O presente trabalho se propõe a apresentar os resultados parciais das investigações científicas da pesquisa principal de doutoramento que versam principalmente sobre a constituição e o sequestro da subjetividade pelo fascismo e, em específico, sobre a abordagem teórica de Adorno inspirada na psicanálise freudiana para a crítica da sociedade capitalista, explicitando como os processos de formação da subjetividade encontram-se intrinsecamente relacionados com as estruturas objetivas de dominação. Como sublinha o próprio Adorno (2015, p. 52), uma “psicologia social analítica (...) teria que descobrir forças sociais determinantes nos mecanismos mais íntimos do indivíduo”. Esta perspectiva metodológica orienta a presente investigação, que busca compreender como os mecanismos inconscientes mobilizados pela propaganda fascista articulam-se com as condições sociais que favorecem a emergência da personalidade autoritária e o fascismo como objetividade social como um todo.

A investigação da personalidade autoritária realizada por Adorno e seus colaboradores na década de 1940 constitui marco indispensável para a compreensão dos processos psíquicos que alimentam a susceptibilidade aos apelos fascistas. Tais estudos só puderam ser realizados a partir do resultado histórico de então, em que tanto psicanálise quanto marxismo se configuravam enquanto correntes de pensamento muito influentes no contexto da época, além de crise, na visão de Adorno, humanitária mundial dada à ascensão do nazifascismo. Como indica Rouanet (1989, p. 13), as “primeiras tentativas de integrar o pensamento de Freud e Marx tiveram como pano de fundo dois marcos históricos – a revolução bolchevista, em 1917, e a chegada de Hitler ao poder, em 1933”. O contexto histórico que motiva estas investigações é, evidentemente, fundamental para compreender a análise dos frankfurtianos – e em específico as análises de Adorno – acerca do fascismo.

Nesse sentido, a pergunta que orienta os estudos frankfurtianos sobre o fascismo, conforme formulada por Rouanet (1989, p. 70), consiste em compreender como seria possível que “a maioria da população, nos países industrializados do Leste e do Oeste, pense e aja num sentido favorável ao sistema que a oprime”. Está-se, assim, diante de traço marcante do problema do fascismo, que não se limita a contextos específicos de crise econômica ou política, mas articula-se com estruturas mais profundas da sociedade contemporânea que sequestram sistematicamente a adesão dos indivíduos às formas de dominação que os oprimem. Conforme aventado, a originalidade da abordagem adorniana constitui-se precisamente por meio da articulação entre análise psicológica e crítica social, evitando tanto a psicologização dos fenômenos políticos quanto a sociologização dos processos subjetivos. Segundo Jay (1988, p. 85), “Adorno sempre se acautelou contra a suposição de que uma explicação puramente

psicológica fosse suficiente”. Tal precaução metodológica é imprescindível para compreender como os mecanismos inconscientes identificados por Adorno articulam-se com as estruturas objetivas que tornam possível sua mobilização pela propaganda autoritária.

Assim, o objetivo geral a que se propõe o presente trabalho é analisar a concepção adorniana da personalidade fascista e os processos de sequestro da subjetividade que tornam possível a adesão ao autoritarismo, examinando como a propaganda fascista mobiliza mecanismos inconscientes específicos e como a subjetividade coisificada mantém, paradoxalmente, potencialidades emancipatórias latentes. Como objetivos específicos, elencam-se o a) o exame dos mecanismos inconscientes que caracterizam a personalidade fascista na análise adorniana e como a propaganda autoritária os mobiliza sistematicamente para produzir adesão emocional ao fascismo; b) a investigação do processo de sequestro da subjetividade através da conformação aos interesses da ideologia fascista, analisando a substituição da experiência autônoma por estereótipos e pela consciência coisificada; e c) a compreensão do caráter contraditório da subjetividade sequestrada, simultaneamente dominada pelo fascismo e portadora de impulsos emancipatórios que apontam para as possibilidades de superação do autoritarismo.

Nesse sentido, a análise adorniana da personalidade fascista parte do reconhecimento de que a consciência fascista é fundamentalmente vazia, caracterizada pela vacuidade existencial da incapacidade de afirmar a sua própria subjetividade enquanto concretude determinada na e pela coletividade sem deixar-se apagar por esta. Esta vacuidade não constitui mero acidente biográfico, mas resulta de um processo específico de formação subjetiva marcado pela incapacidade de elaborar vivências traumáticas que, não obstante, constituem o núcleo dessa mesma subjetividade. O receio da própria deleção advém concomitantemente das próprias formas sociais a que está submetida e às quais ela mesma dá origem, bem como da estrutura própria de sua psiquê, traumatizada a partir de seu inconsciente quanto à relação plural que a diferença conceituada é capaz de estabelecer em suas próprias relações.

O relacionar-se, tão fundamental para a realização da essencialidade humana, apresenta-se como obstáculo intransponível para a consciência fascista, revelando-se como obstáculo fundamental à realização da essencialidade do espírito humano que tem por exigência própria a realização de algum ser-aí como universalidade determinada que também é, nunca cessando de se conceber e relacionar-se a si mesma através de si mesma como coletividade racional. Tal mácula no relacionar-se chama a atenção de Adorno para o caráter destrutivo e fanático a que dá lugar na psiquê fascista, sem dúvida afetada por traumas inconscientes. Como observa Adorno (2015, p. 48), “o que propriamente motivou Freud a conceber especial peso aos processos individuais na infância é, embora de forma não explícita, o conceito de ferida”. Essas feridas psíquicas, não elaboradas adequadamente, tornam-se fonte permanente de projeção destrutiva sobre o outro, configurando o mecanismo básico através do qual a personalidade fascista organiza sua relação com o mundo.

A personalidade fascista revela-se, assim, incapaz de lidar com seus próprios traumas e frustrações, projetando-os de modo *unheimlich* em todos aqueles que, por ventura, acabem por encarná-

los na interpretação do indivíduo fascista. Esta dinâmica projetiva articula-se através de mecanismos inconscientes específicos que a propaganda fascista mobiliza sistematicamente. O conceito freudiano de *Unheimlich* caracteriza-se como o estranhamento acerca da alteridade simultaneamente à familiaridade frente a este outro e seu não reconhecimento enquanto constituição do próprio si. É o estranho-familiar que, a partir do inconsciente do indivíduo fascista, projeta apenas as marcas indesejadas, porém recalçadas, de sua própria psiquê no outro que encarna um preconceito que já se encontra presente no próprio fascista. Como observam Adorno e Horkheimer (1985, p. 154-155), “na sociedade humana, porém, na qual tanto a vida intelectual quanto a vida afetiva se diferenciam com a formação do indivíduo, o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem de aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e a inibi-la”. Nesse sentido, investigando o antissemitismo enquanto marca indelével do fascismo, Adorno e Horkheimer concluem que o “patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência de reflexão que o caracteriza” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 156). A marca distintiva do *Unheimlich* é o autoritarismo ao qual o indivíduo fascista se identifica como meio de conter, através da força bruta, aquilo que de indesejado se encontra presente em sua própria psiquê. Este mecanismo de defesa revela-se como primeira etapa do processo de coisificação humana, na medida em que a não-elaboração da diferença constituinte da humanidade conduz à redução do outro à categoria de mera coisa.

Paralelamente, o narcisismo das pequenas diferenças, conceito que Freud (2021, p. 366-367) formula ao observar que “justamente comunidades vizinhas e até próximas umas das outras em outros aspectos atacam-se e ridicularizam-se”, faz-se também fundamental para compreender como se constitui a coesão dos grupos fascistas. Tais diferenças são absolutamente irrelevantes mas, sob o mesmo aspecto, fundamentais para a manutenção da psiquê fascista e de sua organização narcísica que proporcionam a aglutinação de indivíduos fascistas face a posições contrapostas que servem como ideal a ser combatido, a personificação do mal ou algo que o valha. A união fascista é, assim, agregado constituído muito mais pela incapacidade de lidar com pequenas diferenças do que por genuína comunalidade de interesses. Como explicam Adorno e Horkheimer (1985, p. 162), “o *horror vacui* que os leva a se comprometerem com suas alianças solda-os uns aos outros e lhes confere uma violência quase irresistível”. Este “horror ao vazio” revela que a associação fascista nasce não da escolha refletida ou de laços genuínos de sociabilidade, mas da irracionalidade produzida pelo isolamento e pela alienação. Observa-se o componente contraditório da associação ao grupo, que não nasce da escolha refletida do indivíduo nem dos laços de sociabilidade, mas da irracionalidade produzida pelo isolamento e alienação. Como salienta Adorno (2008, p. 147), “enquanto ente efetivado abstratamente no sentido hegeliano do termo, o indivíduo põe-se em suspenso a si próprio: os inumeráveis que pouco mais conhecem do que a si mesmos e seu errático interesse nu são os mesmos que capitulam tão logo a organização e o terror os capturam”.

O conceito de abjeto, desenvolvido por Julia Kristeva, oferece chave interpretativa adicional para compreender a dinâmica da consciência fascista. Segundo Kristeva (1982, p. 2), “o abjeto tem apenas

uma qualidade do objeto — a de se opor a mim. Se o objeto, entretanto, (...) me torna incessantemente e infinitamente homólogo a ele, o que é abjeto, ao contrário é radicalmente excluído e me atrai para o lugar onde o sentido colapsa”. Na personalidade fascista, o abjeto manifesta-se como resposta não-elaborada a encontros que perturbam sua psiquê, denotando tanto a dificuldade persistente em lidar com o diferente – este que lhe é interior ainda que não o reconheça – quanto o desejo pela cessação da dor psíquica por ele provocada e o mesmo desejo pela realização exterior desta dificuldade interior em lidar com o imediatamente indesejado. O abjeto remete inconscientemente à ruptura traumática da vida uterina, evento simultaneamente belo e doloroso cuja ambiguidade impacta violentamente a psiquê não preparada para elaborá-lo. É um terceiro estágio da coisificação, a agressividade voltada contra o outro via inconsciente da interioridade remetente ao interior que deveria ter permanecido interior.

O remeter à ruptura traumática da vida uterina relaciona-se profundamente com o sentimento oceânico, que complementa esta dinâmica ao expressar o desejo de retorno do narcisismo à situação em que se encontrava unido ao todo, vínculo primário e indiferenciado que apenas na identidade daquilo que é posto consegue permanecer. Como observa Freud (1997, p. 68), “no início o Eu abarca tudo, depois separa de si um mundo externo. Nosso atual sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente – sim, todo-abrangente – que correspondia a uma mais íntima ligação do Eu com o mundo em torno”. A coisificação humana, assim, mostra-se como a única saída para a personalidade fascista incapaz de lidar com a diferença, marcada pelo desejo por aquilo em que e pela indiferenciação em relação ao indivíduo que lhe deseja. Este desejo regressivo de fusão oceânica constitui fundamento psíquico do totalitarismo fascista, que promete restituir a unidade perdida através da eliminação violenta de toda diferenciação.

Nesse sentido, a eficácia da propaganda fascista reside precisamente em sua capacidade de mobilizar sistematicamente esses mecanismos inconscientes. Como observa Adorno (2015, p. 138), trata-se de “uma propaganda personalizada, essencialmente não objetiva” que “almeja convencer as pessoas manipulando seus mecanismos inconscientes, e não apresentando ideias e argumentos”. A manipulação fascista opera através de gratificações emocionais que dispensam elaboração racional. Como indica Adorno (2019, p. 581), “desde que o clichê apresente o exogrupo como mau e o endogrupo como bom, a pauta oferece gratificações emocionais, narcisistas, que tendem a derrubar as barreiras da autocrítica racional”. Tal dinâmica explicita como a propaganda fascista explora sistematicamente a fragilidade narcísica dos indivíduos, oferecendo compensações imaginárias para frustrações reais.

Sob o aspecto da identificação da psiquê, o líder fascista desempenha papel central na dinâmica de sequestro das subjetividades pelo fascismo ao funcionar como figura de identificação que permite a projeção das frustrações narcísicas. Como explica Adorno (2015, p. 175), “ao fazer do líder seu ideal, ele ama a si mesmo, por assim dizer, mas se livra das manchas de frustração e descontentamento que estragam a imagem que tem de seu próprio eu empírico”. Esta mecânica identificatória revela como “qualquer tipo de crítica ou autoconsciência é ressentida como uma perda narcisista e provoca fúria”

(ADORNO, 2015, p. 181). O fascista necessita, para sua própria constituição psíquica, da figura do líder como ideal do eu que permita a descarga das tensões narcísicas sem que seja necessário o trabalho doloroso de elaboração das próprias contradições internas.

Como observa Adorno (2015, p. 169), especialmente em relação ao líder do nazifascismo alemão,

as pessoas com quem ele (Führer) tem de contar padecem geralmente do conflito moderno característico entre uma instância do eu racional, fortemente desenvolvida e autoconservadora, e o contínuo fracasso em satisfazer as demandas do próprio eu. Este conflito resulta em impulsos narcísicos fortes, que podem ser absorvidos e satisfeitos apenas através da idealização.

A relação com o líder fascista, assim, permite aos seguidores a resolução imaginária de suas contradições internas através da identificação com uma figura que aparenta ter superado todas as limitações que os afligem. Como observa ainda Adorno (2015, p. 172), “a imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo a autoridade”. Assim, a personalidade autoritária caracteriza-se fundamentalmente pela consciência coisificada, que se manifesta através daquilo que Adorno denomina “caráter manipulador”. Como observa Bueno (2021, p. 56), há no caráter manipulador “um fetichismo prático acentuado que é completamente indiferente à finalidade das ações”. Este caráter devém, assim, marcado por frieza emocional, indiferença aos sofrimentos alheios e redução de todas as relações humanas a meros instrumentos de manipulação técnica. A consciência coisificada manifesta-se através da, condição de possibilidade histórica de Auschwitz. Como indica Adorno (2009, p. 300), “a sobrevivência necessita já daquela frieza que é o princípio fundamental da subjetividade burguesa e sem a qual Auschwitz não teria sido possível”. Esta frieza não constitui defeito moral individual, mas produto necessário das relações sociais capitalistas que transformam sistematicamente os seres humanos em coisas. Como observa Horkheimer (2015, p. 113), “ajustar-se, em nossa época, envolve um elemento de ressentimento e fúria suprimida”. A adaptação às estruturas de dominação produz necessariamente a frieza como mecanismo de defesa psíquica, na medida em que a sensibilidade ao sofrimento – próprio e alheio – tornaria insuportável a vida em sociedades fundadas na exploração sistemática.

Nesse sentido, o processo através do qual a propaganda fascista opera o sequestro da subjetividade constitui-se como esta complexa dinâmica que articula elementos conscientes e inconscientes. A subjetividade sequestrada caracteriza-se pela perda da capacidade de experiência autônoma e pela substituição desta por estereótipos pré-fabricados que dispensam elaboração reflexiva. Segundo Adorno (2022, p. 161), “os homens não são mais aptos à experiência, mas interpõem entre si e aquilo a ser experimentado aquela camada estereotipada a que é preciso se opor”. Esta camada estereotipada funciona como filtro que impede o contato direto com a realidade, substituindo a experiência genuína por clichês prontos que oferecem orientação imediata sem exigir o trabalho penoso da reflexão. Este sequestro da subjetividade opera através da substituição da formação pela semiformação. Para Adorno (2010, p. 33),

O semiculto dedica-se à conservação de si mesmo sem si mesmo. Não pode permitir, então, o que, segundo a teoria burguesa, constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo em que, objetivamente, se coloca totalmente contra ela (ADORNO, 2010, p. 33).

A semiformação, assim, caracteriza-se pela apropriação superficial e fragmentária de conteúdos culturais que são consumidos como mercadorias, sem que se estabeleça relação genuína entre sujeito e objeto do conhecimento. É a coisificação tomada por educação. Como indica Adorno (2010, p. 33), “a experiência (...) fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações”. Esta substituição da experiência pela informação constitui aspecto fundamental do sequestro da subjetividade, na medida em que impede a formação de uma consciência autônoma capaz de resistir às manipulações ideológicas.

Assim, a indústria cultural desempenha papel central neste processo de sequestro da subjetividade. A identificação compulsiva com os produtos da indústria cultural substitui a formação genuína da personalidade através da experiência e da reflexão e a massa produzida pela indústria cultural constitui-se em produto artificial que oferece aos indivíduos a ilusão de comunidade enquanto os mantém isolados e impotentes. Como observam Adorno e Horkheimer (1973, p. 87),

A massa é um produto social – não uma constante natural; um amálgama obtido com o aproveitamento racional dos fatores psicológicos irracionais e não uma comunidade originalmente próxima do indivíduo; proporciona aos indivíduos uma ilusão de proximidade e união. Ora, essa ilusão pressupõe, justamente, a atomização, a alienação e a impotência individual (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p. 87).

Contudo, o Fascismo não é invencível. O caráter ambíguo da subjetividade sequestrada revela-se no fato de que, mesmo coisificada e manipulada, ela conserva em si o impulso para a liberdade que constitui seu núcleo mais essencial. Como indica Adorno (2022, p. 167), “o indivíduo só sobrevive como núcleo impulsionador da resistência”. Esta resistência, ainda que bloqueada pelas estruturas de dominação, permanece como potencial emancipatório que pode ser ativado mediante transformações nas condições objetivas que produzem a reificação da consciência. A dialética negativa, assim, indica que a própria contradição entre a subjetividade coisificada e seu potencial emancipatório constitui o lugar a partir do qual se pode pensar a possibilidade de superação do fascismo, embora esta superação não possa ser concebida apenas no plano subjetivo, demandando transformações nas estruturas objetivas que produzem sistematicamente a personalidade autoritária. Não obstante, enquanto dialética, deve tornar-se seu contrário e efetivamente conceber a superação do fascismo.

Metodologia

A pesquisa adota como metodologia a análise crítica imanente da obra adorniana, procedimento que busca extrair o conteúdo de verdade dos conceitos através de sua confrontação com a realidade social

que os engendra, além do exame das obras estudadas. Conforme indica Rouanet (1989, p. 103-104), “a crítica imanente mergulha no objeto, procurando examinar o conteúdo de verdade, à luz de sua interação com o todo”. Este procedimento metodológico distingue-se tanto da crítica transcendente, que impõe critérios externos ao objeto, quanto da mera descrição empírica, que se limita à constatação dos fenômenos sem penetrar em sua lógica interna.

O corpo teórico principal deste trabalho, que se concentra especialmente sobre a subjetividade e sua dominação pela ideologia fascista conforme tematizados por Adorno, abrange, de modo geral, os estudos sobre a personalidade autoritária, os ensaios sobre a ideologia fascista e os elementos da dialética negativa que se relacionam com a problemática da subjetividade. Particular atenção é conferida à articulação entre os mecanismos psíquicos inconscientes identificados por Adorno e as estruturas sociais objetivas que tornam possível sua mobilização pela propaganda autoritária. A presente análise procede através da reconstrução sistemática dos conceitos centrais, examinando sua gênese teórica e suas implicações para a compreensão da dinâmica fascista contemporânea.

Esta investigação busca privilegiar a “psicologia social analítica” conforme proposta por Adorno, visando analisar, a partir de sua obra, “forças sociais determinantes nos mecanismos mais íntimos do indivíduo” (ADORNO, 2015, p. 52). Tal método implica examinar como os processos de socialização produzem tipos específicos de personalidade que correspondem às necessidades funcionais do sistema de dominação. A análise busca, assim, compreender como a propaganda fascista mobiliza sistematicamente mecanismos inconscientes que são, simultaneamente, produtos e reprodutores das relações sociais dominantes.

Resultados

A personalidade, ideologia e violência fascistas resultam diretamente desta coisificação da consciência. Como observa Sinésio Bueno (2022, p. 75),

a violência fascista somente pode ocorrer desde que os sujeitos humanos singulares existam sob tal condição de mútua impostura e cegueira, igualmente desde que a realização de seus potenciais de reconhecimento seja sistematicamente fadada ao fracasso, pois o que o fascismo promove, antes de tudo, é a incapacidade de espelhamento no Outro (BUENO, 2022, p. 75).

Esta incapacidade de reconhecimento mútuo constitui o fundamento último da coisificação humana operada pelo fascismo, explicitando que a superação da violência autoritária demanda não apenas mudanças na consciência individual, mas sobretudo, se assim se admitir, transformações estruturais nas relações sociais que tornam possível o reconhecimento recíproco entre os sujeitos. A investigação da análise adorniana da personalidade fascista demonstra que o sequestro da subjetividade constitui processo complexo que articula mecanismos inconscientes específicos com estruturas sociais objetivas que

favorecem a emergência do autoritarismo. A consciência fascista caracteriza-se fundamentalmente pela vacuidade existencial e pela incapacidade de elaborar vivências traumáticas, manifestando-se através de mecanismos como o *Unheimlich*, o narcisismo das pequenas diferenças, o abjeto e o sentimento oceânico. Estes mecanismos são mobilizados sistematicamente pela propaganda fascista, que opera através de gratificações emocionais que dispensam elaboração racional e oferecem compensações imaginárias para frustrações reais.

O sequestro da subjetividade, assim, constitui-se através da substituição da experiência autônoma por estereótipos pré-fabricados que impedem o contato direto com a realidade. A semiformação, também, substitui a formação genuína, subjetivando consciências coisificadas incapazes de resistir às manipulações ideológicas. Por fim, a indústria cultural desempenha papel central neste processo, oferecendo produtos que simulam a cultura autêntica enquanto operam a padronização sistemática da consciência. Nesse sentido, a personalidade autoritária manifesta-se através do caráter manipulador, marcado pela frieza burguesa e pela redução de todas as relações humanas a instrumentos técnicos. Esta coisificação da consciência constitui condição de possibilidade da violência fascista, que se fundamenta na incapacidade sistemática de reconhecimento mútuo entre os sujeitos.

Contudo, a subjetividade sequestrada revela-se como estrutura contraditória que mantém latentes as possibilidades de sua própria superação. Mesmo coisificada e manipulada, a subjetividade conserva em si o impulso para a liberdade que constitui seu núcleo essencial. Como indica Adorno (2022, p. 167), “o indivíduo só sobrevive como núcleo impulsionador da resistência”. Esta resistência permanece como potencial emancipatório que pode ser efetivado, muito embora sua realização demande transformações nas condições objetivas que produzem sistematicamente a reificação da consciência.

A dialética negativa, nesse sentido, aponta que a própria contradição entre a subjetividade coisificada e seu potencial emancipatório constitui o lugar a partir do qual se pode pensar a possibilidade de superação do fascismo, enquanto negatividade perene e combate eterno à barbárie. A superação de que aqui se trata não pode ser concebida apenas no plano subjetivo, mas só pode ser pensada a partir de transformações estruturais nas relações sociais possibilitem o reconhecimento recíproco entre os sujeitos. A verdade dos elementos subjetivos analisados neste trabalho só pode aparecer na consideração das condições objetivas que os produzem e, mais propriamente, na consideração da esfera absoluta de autoconstituição humana, temas que ultrapassam os limites desta presente investigação, mas que são absolutamente necessários para compreender as possibilidades concretas de emancipação.

Conclusão

A superação do fascismo requer, assim, a constituição de uma consciência de si universal, voltada para a constituição desociedade capaz de reconhecer a não-identidade entre conceito e objeto, resistindo aos mecanismos de administração social e cultivando formas de relação que não reduzam o outro ao

idêntico, mas que, ao mesmo tempo, reconheçam no mesmo o outro de si próprio. Essa formação supõe, de modo necessário, tanto a crítica das condições objetivas que engendram a reificação da consciência quanto o trabalho de elaboração dos conteúdos inconscientes que sustentam a vulnerabilidade aos apelos autoritários.

Assim, a educação emancipadora assume papel central neste processo, na medida em que deve combater a consciência coisificada, aquela que “se defende em relação a qualquer vir-a-ser, frente a qualquer apreensão do próprio condicionamento, impondo como sendo absoluto o que existe de um determinado modo” (ADORNO, 2022, p. 143). Segundo Adorno (2022, p. 132), “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica”. Esta educação não pode se limitar à transmissão de conteúdos ou à imposição de normas externas, mas deve promover a autonomia da coletividade, “o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação” (ADORNO, 2022, p. 134).

Somente na medida em que estes caminhos são efetivamente realizados é que se faz possível falar em superação do fascismo e negação da própria dialética negativa. A resistência ao fascismo demanda, assim, tanto a transformação das condições objetivas que produzem a personalidade autoritária quanto o trabalho de elaboração subjetiva que permita aos indivíduos reconhecer e superar os mecanismos inconscientes que os tornam susceptíveis aos apelos fascistas. A ambiguidade da subjetividade sequestrada – simultaneamente coisificada e potencialmente emancipatória – revela que a luta contra o fascismo é também uma luta pela recuperação da capacidade humana de experiência autêntica e de relacionamento não-violento com a diferença. Possamos querer a identidade da diferença e a diferença da identidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz & Terra, 2022.

_____. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

_____. Teoria da semi-formação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.

BUENO, S. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

_____. **O fascismo em dez lições**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2022.

CROCHIK, Jose Leon. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 31-46, 2010.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JAY, Martin. **As ideias de Adorno**. São Paulo: Cultrix, 1988.

KRISTEVA, J. (1982). **Powers of horror:** An essay on abjection (L. S. Roudiez, Trans.). New York: Columbia University Press.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.